



CULTURA, MITO E ARTE NOS BUMBAS DE PARINTINS

Raimundo Dejard Vieira
Filho¹.

Email: dejardvieira@yahoo.com.br.

GT: IMAGINÁRIO E MITOPOÉTICA NA PAN- AMAZÔNIA

Resumo

O presente artigo trabalha o conceito de cultura como uma bricolagem. Critica a fragmentação do saber na modernidade e aponta para o processo de religação entre os saberes, numa ecologia integral em que não existe centrismos de nenhuma cor, e sim uma interação intermitente entre diversos olhares sobre o mundo. A partir da análise estrutural dos mitos em Levi-Strauss, problematiza o fenômeno artístico dos Bumbas de Parintins, que por sua vez tem como base os mitos indígenas. O elemento sensível está presente na análise como componente importante para se construir conceitos. A arte está em meio caminho entre o pensamento científico e o pensamento mítico. A arte é um modelo que se aproxima das sutilezas da vida humana, e, é imprescindível para o processo de conhece-la.

Palavras Chaves: Bricolagem; pensamento mítico; emoção estética.

O ser humano cria cultura na relação consigo mesmo, com os outros, com a natureza e com o Divino. Os padrões culturais atingidos se perpetuam, porém, constantemente são inovados e reinventados. Um dos processos importantes na criação de cultura é a bricolagem que parte de resíduos de diversos outros processos e criam novos rearranjos assumindo nova reorganização e representações sobre o mundo. O bricolagem não tem projeto pré determinado, mas cria a partir da vida concreta. O sociólogo e antropólogo Edgar Assis de Carvalho define bricolagem como “um processo que se define basicamente pela ausência de um projeto que ajuste, de modo linear e casual, meios

¹ Graduado em Ciências Sociais, especialista Turismo e desenvolvimento, Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia e Doutorando em Sociedade e Cultura na Amazônia.

e fins. Nela se desfazem as dualidades entre arte e ciência, ciência e mito, razão e desrazão” (2003, p. 9).

Uma das características da ciência moderna ‘é a fragmentação dos diversos saberes. Dividir para melhor conhecer foi amplamente reconhecido. Afastou-se da epistemologia grega que concebia o conhecimento como um todo na interação de vários saberes. Na modernidade a razão se torna central, destrona a religião, despreza o mito, a arte e os saberes tradicionais. Na pós-modernidade se descobre a religião dos saberes numa ecologia integral, em que não se contempla o teocentrismo, nem antropocentrismo, mas, se reconhece o ecocentrismo em que todos os saberes são convidados a participar, interagir sem supremacia de nenhum saber sobre os demais. O homem precisa ser descentrado, dissolvido de sua arrogância, e recolocado na natureza não como um enviado de Deus e, sim, como uma espécie igual as outras, com mais responsabilidade em cuidar da casa comum. Para Edgar Assim de Carvalho:

“ a ciência do século XXI tera’ que religar saberes dispersos e caminhar para um tipo transversal e polifônico de cognição, retroalimentado pela dialogia natureza-cultura, animados pelos caminhos e descaminhos de sapiens-demians, consumado pela implosão da disciplinaridade, da fragmentação e do relativismo simplificador” (2003, p.17).

A proposta teórica de Levi-Strauss aponta para a noção de estrutura invisível subjacente ao fenômeno social que influencia e sustenta todo do sistema social. A partir de um feixe de relações sociais emerge modelos explicativos da sociedade que contem oposições binarias inter-relacionadas e conectadas, transformações e adequações de acordo com as demandas culturais de cada comunidade. A diversidade dos conteúdos culturais são a base de diversos modelos explicativos da realidade social. Nessa linha de pensamento, o autor retoma a lógica do sensível que permeia as relações sociais em que ritos, mitos e arte tem um papel preponderante. Assis de Carvalho afirma que “dos mitos brota uma sabedoria perene” (2003, p.33).

O retorno ao mito no pensamento pós-moderno se dá ao fato “de ser entendido como um território cognitivo fabricante de códigos, metáforas, figuras, imagens, crenças, desejos, emoções, utopias”. E alarga as possibilidades de conhecimento sobre o homem

e o cosmo (CARVALHO, 2003, p.38). As narrativas míticas são circulares convivendo com oposições entre o analítico e o dialético, sincronia e diacronia.

No tempo mítico, muito distante, os animais falavam, não havia diferença entre masculino e feminino, e homens falavam com Deus com naturalidade. Atualmente os mitos e lendas ainda exercem forte influência nas comunidades ribeirinhas e indígenas na Amazônia, como também nas cidades pequenas e média do interior. Seus conteúdos estão alojados no inconsciente dos indivíduos e do coletivo: são heroínas, heróis, monstros etc que tentam dar explicações para as complexas realidades do cotidiano. São várias situações enfrentadas como: atravessar florestas escuras, enfrentar tempestades, sair das entranhas de um monstro, incesto etc. Portanto essas heroínas e heróis suscitam admiração, sonhos e fantasias pelos valores positivos ou negativos que encarnam.

O Mito conta uma estória com metáforas, símbolos plenos de significados, que relidos de acordo com as sociedades num determinado espaço e tempo, aprofunda as questões contraditórias delas. Os mitos, segundo Levi-Strauss são frutos de outros mitos. Eles migram de uma sociedade a outra mantendo elementos invariantes e assumindo novas versões com novas variantes. Quando mito passa de uma sociedade a outra sociedade, geralmente sofre modificações, rearranjos para que a estrutura fundamental permaneça.

Nos mitos e lendas encontra-se prescrições e proibições, valores, ordens divinas etc. São expressões das mais variadas atividades humanas como: alimentação, religião, sexualidade, amor, educação, moral, arte, etc. Existem inúmeras histórias que uma criança, uma mulher ou homem deixaram se sacrificar para que surgisse alimentos ou nascesse uma tribo. Encontra-se inúmeros sentimentos humanos como o encanto, o prazer, a tristeza, a alegria, a vingança, a traição, o susto o medo. Através deles se comunicam um imaginário cheio de histórias de homens e mulheres protetores, animais falantes e plantas sabias. Na cultura da floresta os animais e plantas tem espírito, portanto, são vivos e se comunicam com os humanos. O homem moderno desencantado da religião, se reencanta com mitos apresentados artisticamente nos meios de comunicação, na literatura, nas apresentações artísticas do carnaval e bambás de Parintins. Através do imaginário

artístico envolve o público em batalhas, cenas de amor e aventuras e contribui para a compreensão das contradições em que vivem.

Cada fato social pode ter várias explicações, pois sua narrativa se assemelham a um mito e como tal, possui perspectivas diversas de abordagem. Dentro das narrativas míticas percebe-se contradições, dilemas, crimes, vinganças, metamorfoses, interação com os animais que revelam a condição humana de todos os tempos

O mito 'é uma narrativa fundante de uma comunidade. E' uma história sagrada, em que os deuses falam e exprimem arquétipos universais que influenciam a cultura humana. A proposta de análise dos mitos em Levi-Strauss é demonstrar "...a existência de uma lógica das qualidades sensíveis..." (2004, p.19) Nos mitos encontra-se intuições profundas que nos remete uma maior compreensão do ser humano.

A análise estrutural parte de categorias empíricas para chegar a ferramentas conceituais para analisar o habitat e a cultura particular de uma comunidade. Novos eixos são recriados e inventados. Em cada mito pode haver uma visão retrospectiva e prospectivo da história de cada sociedade. Em que novas conexões se estabelecem, preenchem lacunas e dá' novos sentidos a questionamentos ao mundo contemporâneo. Uma obra de arte popular inspirado em mitos, pode ser considerada um outro mito, em que pode esclarecer o mito antigo e assim completa-lo. A interpretação da narrativa mítica não se esgota facilmente, mas, suas transformações se desdobra ao infinito (LEVI-STRAUSS, 2004, p.24)

Os conteúdos, os códigos, as mensagens provenientes dos mitos e lendas se dá em forma de irradiação. Outros territórios cognitivos recebem essas luzes, tais, como: a religião e a arte. A reelaboração dos mitos nos Bumbas de Parintins, não tem uma função pratica manifesta, mas, pode haver uma função pratica latente. A análise parte do sensibilidade dos artistas, no sentido de não como pensam os mitos, mas, ao contrário, "como os mitos se pensam nos homens, e a sua revelia"(LEVI-STRAUSS, 2004, p.31) Cada artista conta o mito a seu modo, e coloca em relevo as contradições que lhe interessa. O mito indígena toma forma de acordo com a visão de cada artista. São diversas combinações que traduzem "...ate' em suas mínimas nuances, toda a diversidade da experiência sensível " (2004, p.33)

Mireea Eliade afirma que há' uma sobrevivência dos mitos no subconsciente do homem moderno. Nossa vida está' repleta se símbolos e imagens. As imagens não podem ser interpretadas de maneira unívoca, pois são polivalentes. O espírito humano capta nas imagens a realidade profunda das coisas, que, muitas vezes se manifesta de maneira contraditória. A imagens evocam a nostalgia de um passado irreversível, contempla o presente e projeta um futuro, muitas vezes, idealista. A imaginação humana e' pontilhada de um fluxo de imagens de forma ininterrupto e espontâneo. (1991, p.13-16)

Nosso olhar vai ao fenômeno artístico e social do Festival promovido pelos Bumbas de Parintins, Caprichoso e Garantido. Nesse evento os mitos estão vivos. Eles servem de inspiração para as alegorias e os fios condutores que permeia a festa. Em modo particular, vem em evidencia a reelaboração alegórica dos mitos indígenas em que a mulher e' representada. Há' uma interligação binaria entre o período que o Boi bumba se apresentava somente nas ruas, em que a participação da mulher era vedada a participação, e o período que começa o festival em 1965, que a mulher se exprime tanto na ação, quanto no simbólico criando novos signos e significados

No mito das Amazonas narra a história de uma sociedade comandada por mulheres, em que era proibida o nascimento de homens, pois, eram assassinados ao nascer. Mas, Jurupari destrona esse regime matriarcal e estabelece o patriarcado. Nos bumbas Caprichoso e Garantido, por mais de 50 anos reinava o patriarcado, espelhando a cultura da sociedade envolvente. A partir do Festival, a mulher retorna a participar em diversas esferas: administração, itens principais, alegorias, cênica, dança, marujada ou batucada, etc. E' interessante observar como a mulher trabalha e é pensada no processo de superação resquício do patriarcado nesta fase de participação no Festival

Podemos inferir que há, uma relação entre as representações artísticas sobre a mulher nos bumbas e a organização social em que a mulher está inserida na comunidade. A arte pode levar a promoção humana de uma condição de desvalorização para uma construção mais digna da pessoa. Uma representação artística desempenha um papel social, ou seja, um papel simbólico que influencia no comportamento e ações sociais dos indivíduos. Na sociedade patriarcal há' uma hierarquia rígida, em diversos aspectos, em que a mulher 'tem um papel subalterno. Qual 'e o impacto social dos itens femininos nos

bumbas representado de forma magnífica? A vida social influencia a arte, criando um pensamento estético, e, este, por sua vez influencia as relações sociais. Essa hierarquia social desfavorável a mulher não interessa mais a sociedade, pois, tende-se a buscar modelos agregador em que haja um sistema social mais justo.

Os Bumbas Caprichoso e Garantido funcionam como duas grandes metades numa relação de oposições binárias. Há uma relação simétrica entre os itens femininos dos dois Bumbas. As inspirações mais profundas dos mitos, e do cérebro e coração do artista servem de mediação simbólica entre natureza e a cultura da comunidade. Nos bumbas há uma proposta de reciprocidade tensa ao invés de uma hierarquia privilegiando o masculino. No pensamento estético do Festival busca um "meio de exprimir simbolicamente as instituições que poderiam ter" (LEVI-STRAUSS, apud MERQUIOR, 1975, p. 10).

A expressão artística é uma representação desdobrada, pois é uma tentativa do artista interpretar a realidade a partir de suas inspirações e anseios da comunidade. No caso de um mito, a invariante permanece, e, sendo adaptado e acrescentado outras variantes. A arte é autônoma em relação ao real, pois, cria uma nova realidade. A expressão artística aponta para as contradições existentes na sociedade e, ao mesmo tempo, faz o papel de harmonização, de superar as contradições.

Diversas obras filosóficas desenvolvem um pensamento sobre o belo, como uma das principais expressões do ser humano. A maioria das sociedades exprimem suas culturas em formas diversas, como desenhos, encenações, danças, músicas de maneira espontânea, mas, exprimindo, também, um pensamento estético. 15

Aristóteles em sua obra a Poética deixa um legado para todos os tempos e cultura e ajuda refletir as mais variadas expressões de arte e da cultura popular. Ele afirma que os ritmos oferecidos numa dança exprimem emoções e ações latentes. (p.27). As formas artísticas revelam a sensibilidades de uma comunidade que influenciarão os comportamentos sociais. Por trás dos atores está o universo cultural dos artistas que, por sua vez, produzem artes exprimindo o espírito da comunidade como também são influenciados por esse produto artístico.

O Festival Folclórico de Parintins aparece, sob diversas formas, como uma tragédia, ou seja a vida como ela é que conta a história dos homens e da natureza amazônica, com suas contradições, agressões contra a natureza e suas esperanças. É uma linguagem adornadas de metáforas, em que de forma macro e micro articula uma interpretação dos mitos, lendas e história. Todo o arranjo de música, danças, coreografia, adereços, luzes fantasia, alegorias, artes plásticas, cenografia combinadas e inter-relacionadas causam no público uma “catarse de emoções”.(ARISTOTELES, 2000, p.43).São ações de uma multiplicidade de fatos ligados ao imaginário dos povos originários tramando-os aos dias atuais que narram a felicidade e a desventuras dos povos amazônicos. Cria-se um novo ordenamento, novas ideias de como compreender a Amazônia, combinando novas cores e novos pontos de vistas.

Para Aristóteles (2000, p.46). o belo deve ter partes equilibradas e ordenadas, seja no tamanho. Nesta ordenação concatenadas resultaria a unidade das partes. Existem diversidades isoladas uma das outras, e, existem diversidades interligadas que exprime a unidade. O ato poético parte de um particular, mas, visa a universalidade

Os artistas do Festival Folclórico de Parintins partem, muitas vezes, de personagens históricos ou lendários da Amazônia, e, em seguida, acrescentam novos personagens provenientes da imaginação artística criadora. É instigante perguntar que tipo de emoções, sentimentos e inspirações causam ao grande público? Pode ser medo, piedade, identificação, encantamento diante do maravilhoso. Os artistas navegam entre o ser e o devir de cada realidade histórica. Eles criam modelos de interpretação e, de acordo com a necessidade tentam superar esses modelos.

A arte popular produzida os bumbas de Parintins tenta captar a narrativa mítica na sua relação com a cultura. O espaço em que ocorre o fenômeno cultural do festival ‘e o mesmo, porém, num outro sistema cultural que demanda outras respostas culturais

Caprichoso e Garantido, são duas grandes agremiações folclóricas que divide a cidade em duas metades. Com tal, é importante observar “...um mecanismo social fundado sobre a reciprocidade...” (MERQUIOR, 1975, p.14). Essa reciprocidade se exprime relações simétricas, e assimétricas, rearranjos, combinações, oposições entre as representações artísticas dos Bumbas.

A presença feminina nos bumbas, depois de total ausência durante 50 anos de boi de rua, exprimiu a sociedade patriarcal da época, se dá, no boi de arena' em diversos itens, como Cunha Poranga, Rainha do Folclore, Porta Estandarte, Sinhazinha da Fazenda, tribos coreografadas, cênica, religiosidade sobre Maria, e formas alegóricas. No ritual artístico dos Bumbas, encontra-se, subjacente, soluções aparentes das contradições que a mulher vive na sociedade.

Toda manifestação cultural apresenta uma série de símbolos inter-relacionados com imagens e metáforas. Segundo Eliade “existe uma lógica do símbolo, ou seja, certos grupos de símbolos se mostram coerente, logicamente encadeado entre si entre si- em suma, podemos formula-los sistematicamente, traduzi-los em termos racionais” (1991, p.33)

Os artistas dos Bumbas se baseiam no inesgotável repertório dos mitos e lendas amazônicas. Os artistas voltam ao mito porque encontram nele algo de eterno, ou seja, o sagrado. A história contada no mito contem princípios sagrados invariantes que influencia todas as sociedades. Os Bumbas dramatizam os mitos em formas de rituais. Recuperam o elemento mágico existente na floresta pela presença do divino. São morte e ressurreição, aparecimento e desaparecimento, amor e vingança, animalidade e humanidade que se metamorfoseiam constantemente. A partir dos mitos pode-se colher uma concepção do homem e do mundo.

Os artistas revisitam os mitos e lendas e, a partir de seus devaneios e visões estéticas rerepresentam os complexos míticos com os mesmos valores reorganizados artisticamente. Há um trânsito que vem do inconsciente (sonhos, devaneios) para o consciente, visões estéticas nos rituais de espetáculos nos bumbas.

Hegel faz uma relação entre Arte com as ideias mais nobre do Espírito humano. As obras de artes contribuem para construir as “concepções mais altas “da sociedade (2000, p.28-33). Hegel afirma “o belo é o objeto da imaginação, da intuição e do sentimento” O artista através da intuição e do sentimento cria pensamentos novos sobre a realidade humana. O grande público faz a mesma experiência estética do artista sentindo e pensando sobre diversas problemáticas da vida.

As artes recuperam, a um certo sentido, a espiritualidade e o sensível que um mundo moderno se afastou. As artes exprimem a dinâmica da vida, se afasta de uma visão fria e abstrata das relações humanas. É um pensamento que vem da razão e do coração, pautada nos sentimentos que informa diversas formas concretas. A arte adorna os ambientes duros, suaviza as tristezas, ajuda a compreender a complexidade do real cheio de devaneios e viabiliza experiências prazerosas. (HEGEL, 2000, p.39)

A Arte exprime exigências mais elevadas do ser humano e, atinge com mais facilidades a realidade do Divino. O artista exprime o que está latente e, num certo sentido recria a vida com novos contornos de interpretações. As experiências que provocam as criações artísticas. Através delas que podemos penetrar mais na alma de um povo.

As artes ligam como um anel o exterior e o interior do ser humano. O olhar artístico sobre a natureza ‘e, ao mesmo tempo, finito e infinito. Valoriza as pequenas coisas descobrindo a sua infinitude. As combinações de cores e formas acrescenta alma e vida para o que se retira da natureza e da sociedade. Arrebata ao amor, agita as paixões causa angustia e medo, inspira respeito e sentimentos de honra, e etc.

As artes trabalham as sensibilidades e aumenta nossa capacidade de tolerância em relação com o diferente. Segundo Hegel as artes “penetra a nossa alma de todos os conteúdos vitais (2000, p.50). As artes fazem experimentar o distanciamento de toda e qualquer censura, ou seja, leva o indivíduo fazer a experiência de liberdade.

Segundo Hegel, a Arte leva o homem experimentar a natureza e, ao mesmo tempo “eleva-o acima da natureza (2000, p. 53) A natureza (floretas, água, animais e peixes) segundo a concepção indígena, possui espíritos. A inspiração do artista, muitas vezes, colhe este aspecto mítico e místico da natureza.

A Arte busca o que está por detrás da aparência, ou seja, o inconsciente. A arte trás ao consciente o irracional, o sonhos, desejos e utopias. A arte leva-nos a contemplação onde a sensibilidade aflora trazendo diversas intuições sobre a realidade do mundo. O reino da arte e o reino da beleza. Segundo Hegel os artistas criam formas e sons que vem das profundezas das consciências com a finalidade de representar as exigências

espirituais. (2000, p.69). Só um grande espírito e uma grande alma sabe exprimir as exigências mais profunda de uma coletividade

Pergunta ao público quais os sentimentos que transmitem as alegorias. Hegel afirma que o espiritual e natural formam um todo indivisível e nisto consiste a singularidade da obra artística^ (2000, p.71) O pensamento artístico e. um pensamento livre que descobre as sutilezas escondidas da vida humana. A arte transmite as característica de uma coletividade com seus gestos, sotaques, sua cor sentimentos, ação, contexto, combinações de palavras etc.

O conteúdo da arte não se esgota nas linhas, curvas, relevos, entalhos, cores, etc, pois ela expressa a vida, a alma e o espírito de um povo. Hegel afirma se se quiser marcar um fim último 'a Arte, será de revelar a verdade, o de representar, de modo concreto e figurado, aquilo que agita a alma humana (2000, p.79)

Os mitos relatam relações invisíveis e abstratas sobre as vicissitudes humanas e, ao, mesmo tempo inspira os artistas. Assim se expressa Levi-Strauss:

“...os mitos nos aparecem simultaneamente como sistemas de relações abstratas e como objeto de contemplação estética; com efeito, o ato criador que engendra o mito e' inverso, simétrico 'aquele que se encontra na origem da obra de arte.” (1989,p.41).

A emoção estética acontece quando o artista capta uma novidade do mito e a recria para apresentar ao espectador, que por sua vez, acolhe visualizando inúmeras possibilidades práticas. Na obra de arte permanece o simbolismo mítico, e também, influencia as práticas sociais. O artista capta de fora elementos do mito, os aspectos sensíveis, como também, a possibilidade de desenvolver um pensamento reflexivo.

Referências bibliográficas

ARISTOTELES, **A Poética**. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

CARVALHO, Edgard de Assis. **Enigmas da Cultura**. São Paulo: Cortez, 2003



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos**. São Paulo: Martins Fontes, 1991

HEGEL, Georg Wilhem Friedrich. **Estética**. São Paulo: Nova Cultural, 2000

MERQUIOR, Jose' Guilherme. **A Estética de Levi-Strauss**. Rio de Janeiro :Tempo Brasileiro, 1975

SOUZA, Anervina. **As lendas Amazônicas em sala de aula**. Manaus: Valer, 2007

STRAUSS, Levi. **O cru e o cozido**. São Paulo: Cosas&Naify, 2004

- **O pensamento selvagem**. Campinas, São Paulo, 1989